

No local significativamente denominado *Monte da Modorra*, encontrei ruínas de construções e vi um triturador preistórico, que o D.<sup>o</sup> Narciso recolheu.

O Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Vidal de Sousa Marinho, pároco de Cossourado, offereceu-me um vintém de prata de *Petrus II* para o Museu Etnológico, como consta d-*O Arch. Port.*, XVI, 105.

(*Continua*)

F. ALVES PEREIRA

### Monumentos pre-históricos do concelho de Viseu

(Continuado do vol. xxv, p. 189)

Continuando com a indicação sumária dos mais importantes monumentos megalíticos dos arredores de Viseu, não devemos deixar de fazer referência ao que, de alguns dos já apontados no nosso primeiro artigo, se escreveu nos princípios do século XVIII.

Falando da imagem de Nossa Senhora da Vitória, do lugar de Carraguzela, freguesia de Cavernães, diz o Autor do *Santuário Mariano*, t. v, p. 231: «..... no meyo deste Lugar para a parte do Occidente começa uma serra; a quem dão o nome das Antas, a que se segue outra para a parte do Nascente, que chamão do Padrão; & nas raizes desta se vê o Santuário».

E mais adiante, na p. 235, acrescenta: «*Distante da Ermida da Senhora para a parte do Sul cousa de hum tiro de mosquete, em as fraldas da Serra do Padrão, he tradição entre os Naturais de que ali viverão os Mouros, porq̃ se vê vestígios de q̃ estiverão casas naquelle sitio, porq̃ se vem montes de pedras, que mostrão q̃ já serviram. (E poderá ser, que a habitação fosse dos Romanos, ou dos Godos, porque os Mouros só desbatarão & destruirão; & porque se tem achado naquelle sitio por vezes moedas, ainda que não erão de ouro, nem de prata, se me representa, não erão Mouros os que ali viverão). E mais afastado hum tiro de pedra se vê huma, que parece servio de sepulchro a algum corpo; (tambem destas sepulturas não usavão os Mouros), esta se vê junto á estrada que vai da Casa da Senhora para Vizeu, & alli está um pedaço de terra que se cultivava hoje, & e nesta se achão os dinheyros desconhecidos*».

As antiguidades, a que nesta passagem se alude, são incontestavelmente alguns dos monumentos megalíticos a que fizemos referência na serra de Mundão; e, a pesar de não serem sempre procedentes as razões invocadas para tal, não deixa contudo de ser

interessante a maneira como se procura combater a idea de que tais antiguidades devam attribuir-se aos Mouros, idea errónea que ainda hoje entre nós vulgarmente se vê pairar sôbre a maior parte dos vestígios dos tempos pre-históricos.

«Lapa do Repilau» e necrópole neolítica de Lobagueira

Quando escrevemos e mandámos ao *Archeologo Português* a primeira parte do presente estudo, desconhecíamos ainda a existência



«Lapa do Repilau», anta de Lobagueira

do monumento megalítico que passamos a referir, pois doutra forma o teríamos mencionado a propósito do castro pre-histórico da *Senhora do Crasto*.

*Lobagueira*<sup>1</sup> é uma pequena povoação pertencente à freguesia do Couto de Cima. Pois, um pouco ao Sul dessa povoação, encontra-se, sob a designação de *Lapa do Repilau*, o mais interessante e completo *dólmen com galeria coberta* do concelho de Viseu e regiões vizinhas, que descobrimos casualmente em 1921, não havendo dêle qualquer

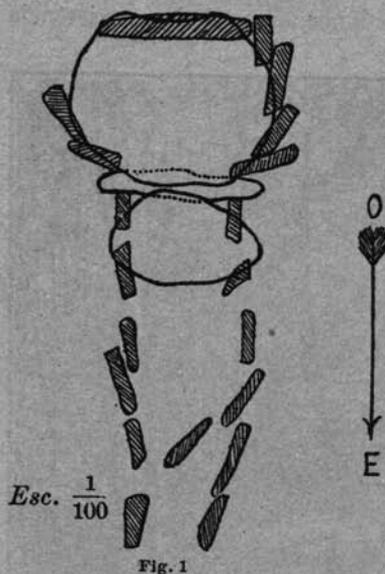
<sup>1</sup> A Carta Corográfica diz *Alvagueira*, talvez pela condenável preocupação que os seus Autores muitas vezes tiveram de emendar as designações populares.

notícia escrita, que não seja a que então publicámos no jornal *Notícias de Viseu*.

Sendo inferior pelas suas dimensões ao *Altar de Vale das Fachas*, a que nos referimos, apresenta ainda a grande tampa ou *chapéu* e duas lajes da cobertura da galeria (fig. 1).

A galeria, formada de seis pedras de cada lado, algumas delas apresentando *fossettes*, e quasi todas na sua primitiva posição, tem de comprimento 4<sup>m</sup>,80 por 0<sup>m</sup>,80 de largura na extremidade, e 1<sup>m</sup>,40 à entrada da câmara sepulcral; esta última compunha-se de oito esteios (dos quais falta um) postos ao alto e um pouco inclinados para o interior, sobrepostos por uma grande laje grosseiramente hexagonal e obliquamente disposta, que mede 2<sup>m</sup>,50 de comprimento por 2<sup>m</sup>,40 de largura.

No espaço correspondente à câmara sepulcral aparece uma laje destacada, que é talvez o fragmento de um dos esteios; e, à entrada da galeria, encontra-se também uma outra laje posta de cutelo, que representamos na planta do monumento.



Esc.  $\frac{1}{100}$

Fig. 1

Na explanada ao Norte de Lobagueira, no sítio denominado *Queimadas*, ficam mais três construções megalíticas bastante danificadas, uma apenas com três lajes, e as outras duas respectivamente com seis (fig. 2) e sete (fig. 3), algumas das quais já bastante desviadas da sua posição primitiva.

A dois passos dali, no local denominado *Vinte Cinco Marcos*, já na orla dos terrenos cultivados que cercam o povoado, encontra-se também uma grande mamoa ou *morouço*, como por lá lhe chamam, com cerca de 30 metros de diâmetro, cujas grandes pedras foram tiradas para construções várias, algumas ainda não há muitos anos. Um *cicerone*, que ali se prestou a acompanhar-nos, ainda soube dizer-nos vagamente que, em volta daquele morouço (ou *maroço*, segundo ele dizia), havia em tempos um *passeio*, «como na Cava de Viriato, em Viseu». Essa informação, o nome dado ao local, e o facto de a mamoa se apresentar bruscamente recortada em todo o seu perímetro, levam-nos a supor que o antigo monumento sepulcral tenha

sido rodeado por um círculo de pedras ou *cromlech*, como noutras construções megalíticas se tem reconhecido, constituindo assim um exemplar único na nossa região.

Informaram-nos ainda que, numa dessas mamoa, quando se tiravam as pedras que escondia, apparecera «uma tigela de barro vermelho cheia de cinza» e vários objectos que nos não puderam precisar.

Um pouco mais a Nascente fica outra grande mamoa danificada, apresentando ainda quatro lajes ao alto, à entrada da galeria, sendo



Fig. 2

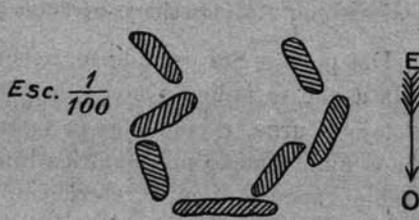


Fig. 3

provável que esta permaneça ainda intacta, visto a violação se ter limitado, segundo tudo leva a crer, à parte correspondente à cabeceira da câmara sepulcral.

No sítio denominado *Lameira do Fojo*, à beira do caminho onde deve ter assentado a primitiva *calçada romana*, ficam outras duas mamoa ainda com algumas grandes lajes, mas em sensível estado de destruição.

Todos estes monumentos, e ainda uma outra mamoa com duas pedras, um pouco ao Sul da povoação de Pereiras, constituem afinal uma vasta necrópole neolítica, talvez relacionada com o núcleo povoado que não longe dali, no cabeço da *Senhora do Crasto*, teve o seu assento.

#### Mamoas violadas, ao Norte e ao Sul da ermida do Senhor do Pedrão

Além das mamoa situadas junto da ermida do Senhor do Pedrão, que citámos no nosso anterior artigo, devemos apontar duas outras, ainda com algumas grandes pedras, ao Norte do sinal trigonométrico de *Casa da Velha*, não longe do conhecido Nicho de Igarai.

Mas para o Sul, à beira do caminho que da ermida do Pedrão se dirige para Mosteiro de Fráguas, cêrca de 800 metros a contar do cruzamento dêste com a estrada de Boaldeia à Torredeita, encontra-se uma outra mamoa de grandes dimensões, com altura considerável na sua parte central e quinze metros de raio aproximadamente. Há indícios de lhe terem sido tiradas algumas pedras; e consta-nos

que, junto dela, foram encontrados alguns restos cerâmicos, que ainda nos não foi possível examinar.

À beira do mesmo caminho, cêrca de 200 metros para o Sul, existem ainda vestígios de outra mamoa de menores dimensões; e junto de umas *alminhas*, já à vista da povoação do Fial (freguesia de Farminhão), outro monumento da mesma natureza a que, em nota, já fizemos referência na primeira parte dêste nosso estudo, pode ainda observar-se.

#### Insculturas neolíticas da Gândara do Fial

Dai para o Sul estende-se, a perder de vista, a monótona explanada a que se aplica o nome de *Gândara do Fial*, apenas alcatifada de tojo e urze, e com alguns terrenos de lameiro, onde encontraremos uma estação pre-histórica interessantíssima, a que neste lugar fazemos apenas ligeira referência, pelo facto de já não pertencer inteiramente ao concelho de Viseu<sup>1</sup>.

Trata-se de uma série de sinais gravados na rocha viva e em pedras que inicialmente pertenceram a várias construções megalíticas, embora estas permaneçam em tal estado de destruição que com dificuldade por vezes se reconhecem.

À beira do caminho para Mosteiro de Fráguas, junto do chamado *Cruzeiro do Fial* (487 metros de altitude), fica uma outra mamoa violada; e cêrca de dois quilómetros a Noroeste do marco trigonométrico de *Ferraduras* (437 metros), não longe do contacto do granito com o xisto, aparecem-nos dois montes de pedras de pequenas dimensões, com vestígios de terem sido revolvidas e desenterradas algumas delas.

Diz o vulgo que, nas excavações por mais de uma vez ali feitas à procura de tesouros ocultos, appareceu «pintado» na rocha «tudo o que pertencia a um ferrador»: e, de facto, uma série de sinais gravados de várias formas —quadrangulares, circulares, cruciformes, etc.—, mas com predomínio de sinais em forma de *ferradura* e de *pêgada* de diversos animais, pode examinar-se na superfície lisa dessas pedras com uma profusão extraordinária.

Os dois montes de pedras a que nos referimos correspondem, segundo tudo leva a crer, a duas mamoas destruídas; tanto mais

<sup>1</sup> Demos, desta estação pre-histórica, notícia desenvolvida e ilustrada nos *Elementos para o estudo da arte rupestre em Portugal*, trabalho apresentado ao Congresso Luso-Espanhol de 1921, posteriormente refundido e aumentado em artigo na revista *Biblos*, vol. I, n.º 3.

que perto dali fica situado um desses monumentos de que ainda restam três grandes lajes, e, à beira do mesmo caminho, uma outra elevação idêntica se encontra, embora sem pedras, mas a que o povo ainda hoje aplica o nome de *Cabecinho da Mama*.

Não longe desse lugar, no sítio denominado *Carvalha*, pode ainda, em confirmação do que acabamos de dizer, examinar-se um aglomerado de pedras que visivelmente fizeram parte de um *dólmen* com galeria, e câmara de forma aproximadamente quadrangular. Todas essas lajes apresentam os mesmos sinais gravados em grande quantidade, e algumas delas, a pesar de já bastante gastas, mereceriam mesmo ser removidas para Museus.

#### Monumentos megalíticos e pinturas rupestres da serra de Côta

Até aqui, fizemos referência aos monumentos pre-históricos do concelho de Viseu que pessoalmente temos estudado e a maior parte dos quais descobrimos.

Acrescentaremos agora, por simples preocupação de completar tanto quanto possível o presente artigo, duas palavras acerca da importante região pre-histórica de *Côta*, zona montanhosa compreendida entre o Paiva e o Vouga, onde só por informações verbais, e pelo pouco que dessa região se encontra já escrito, podemos fazer o nosso juízo.

Falou-nos primeiro das antiguidades pre-históricas existentes nessa zona, e das pinturas rupestres que nelas se encontravam, o professor do liceu de Viseu, Sr. Dr. José Coelho; iguais referências lhes ouvimos também fazer ao Sr. Dr. Mendes Correia, da Universidade do Pôrto, a quem essas antiguidades mereceram um estudo especial, e que em trabalhos recentes<sup>1</sup> a elas tem aludido por mais de uma vez.

Trata-se de várias construções megalíticas mais ou menos vandalizadas existentes no local denominado *Antas*, a Oeste da povoação de Sanguinhedo; e de uma outra anta, com *tumulus* e comprida galeria, a Oeste da ribeira do Buraco, apresentando *fossettes* e outras insculpturas em algumas das suas lajes.

Pertence ainda à mesma região a anta conhecida pelo nome de *Pedralta*, notável pela particularidade interessante das pinturas dos seus esteios. Um desses esteios apresentava, com efeito, pinturas ramiformes, como outras que se conhecem no nosso país e sobre-

<sup>1</sup> «Nótulas arqueológicas» in-*Revista de Estudos Históricas*, 1.º Ano, n.º 1 e 2; *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Pôrto 1924.

tudo na vizinha Espanha; doutro fazia parte uma composição policroma de  $1^m,81 \times 1^m,12$ , que o Sr. Dr. Mendes Correia julga ser a representação muito estilizada do ídolo eneolítico.

Estamos assim em presença doutra importante estação pre-histórica, possivelmente relacionada com o núcleo castrejo do *Alto de S. Lourenço* (929 metros). E que as descobertas nela feitas não podem considerar-se isoladas, demonstra bem a proximidade doutros monumentos megalíticos com pinturas junto da vizinha povoação de Queiriga (concelho de Vila Nova do Paiva), há anos descobertos e estudados pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (*Religioes da Lusitania*, vol. 1).

É mesmo de crer que outras descobertas da mesma natureza venham a realizar-se naquelas paragens, contribuindo para enriquecer a por emquanto reduzida documentação que possuímos para esse interessante capítulo da arte rupestre em Portugal.

A. DE AMORIM GIRÃO.

### Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa

A Sé de Lisboa, já pela sua antiguidade, quasi oito séculos, já pela sua importância como catedral da primeira cidade portuguesa, é valiosíssimo repositório de inscrições sepulcrais, que abrange, apesar dos repetidos desmoronamentos, um largo periodo que vai talvez do fim do século XII até o fim do século XVIII.

Ali encontra o estudioso os diversos tipos de estilo lapidar usados durante esse longo espaço de tempo, desde a breve inscrição que apenas indica, por entre misteriosas abreviaturas, pouco mais que um nome e a data duma morte, ao extenso epitáfio que enumera as virtudes, os altos cargos, as honras recebidas. Ali estão representadas as várias formas de letra em uso nas diferentes épocas, desde as graciosas curvas unciais e das elegantes rectas do gótico minúsculo, aos pesados caracteres latinos dos séculos XVII e XVIII.

Na Sé de Lisboa existe emfim um verdadeiro museu de epigrafia portuguesa.

Diversos autores têm dedicado às inscrições da Sé algumas páginas dos seus valiosos trabalhos, mas, quasi sem excepção, aproveitando uns o que escreveram outros, ou fazendo leitura apressada e, por isso, em geral, incorrecta.

No primeiro caso está, por exemplo, o Abade Castro, dando-nos <sup>1</sup>

<sup>1</sup> «Monographia da Egreja Matriz da Cidade de Lisboa», in *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.ª série, 1875.